

Disciplina: A angústia e o desejo do Outro
Professor: Raul Albino Pacheco Filho
Nível: Mestrado/Doutorado
Créditos: 03
Tipo: Seminário Avançado – Tipo II
Semestre: 1º de 2013
Horário: 6ª feiras – 9:30/12:30

EMENTA

"No possível tudo é possível", disse-nos Kierkegaard em "O conceito de angústia" (1844), para lembrar-nos da inexistência de garantias na existência humana. Tanto a mais agradável e feliz das experiências, quanto a pior das tragédias, só imaginável no mais aterrorizante pesadelo, pertencem ao horizonte das possibilidades. Portanto, contar unilateralmente com uma única dessas direções é expectativa irrealista que só se pode alimentar por meio da amputação da possibilidade alternativa. Experiência humana fundamental, a angústia possui longo trajeto de reflexão na história dos pensamentos filosófico e literário, antes de se tornar foco de atenção privilegiado pela Psicanálise. Em Heidegger, a angústia conecta-se à solidão – "a angústia do *ser-aí* diante do mundo é uma angústia do homem frente à sua própria solidão" – e ao *ser-para-a-morte*, como "possibilidade absolutamente própria incondicional e insuperável do homem". É ela, contudo, que pode constituir aquilo que "liberta o homem das possibilidades vãs e torna-o livre para as autênticas" ("Ser e Tempo", 1927). Sabemos que no percurso freudiano o entendimento da angústia surge como desafio desde os primeiros trabalhos, em sua relação com o recalque. Inicialmente considerada um *resultado* de quantidades de energia não dominadas, ela passa a ser concebida, na revisão teórica apresentada em "Inibições, sintoma e angústia" (1926), como *senal de perigo* manejado pelo *Eu*. É a *situação de desamparo* (*Situation der Hilflosigkeit*) – a perturbação econômica decorrente do crescimento das quantidades de estímulos requerendo liquidação – é, então, considerada o verdadeiro núcleo do perigo, em relação ao qual a angústia funciona como alerta. Embora nunca tenha estado ausente de suas preocupações, sabemos que Lacan reserva à angústia o lugar de título do seu seminário de 1962-1963: o Seminário 10 "A angústia". Entendida como *afeto*, ela tem estreita relação de estrutura com o que é um sujeito e, conseqüentemente, com o desejo do *Outro*. Podemos dizer, aliás, que a angústia é um modo radical pelo qual o sujeito sustenta sua relação com o desejo. Por que, então, a alegoria que melhor poderia descrevê-la seria a do indivíduo confrontado com uma fêmea gigante de louva-a-deus, que, como se sabe, devora o parceiro macho durante a própria realização do intercuro sexual? O que Lacan quer dizer com as máximas de que "a angústia é o afeto que não engana" e de que "a angústia não é sem objeto"? Ou, ainda, com a afirmação de que "a angústia é sinal do real"? Aprofundar estas questões e temas, assim como os desenvolvimentos a que eles conduzem, é o objetivo desta disciplina.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

FREUD, SIGMUND (1926/1976) Inibições, sintoma e ansiedade. In: Obras psicológicas Completas. Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago, 1976.

LACAN, JACQUES (1962-1963/2005) *A angústia. O seminário: livro 10*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.

LACAN, JACQUES (1966/1988) *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

SOLER, COLETTE (2000-2001/2012) *Declinações da angústia*. São Paulo, Escuta, 2012.

SOLER, COLETTE (2006-2007/2012) *Seminário de leitura de texto ano 2006-2007: Seminário A angústia, de Jacques Lacan*. São Paulo, Escuta, 2012.